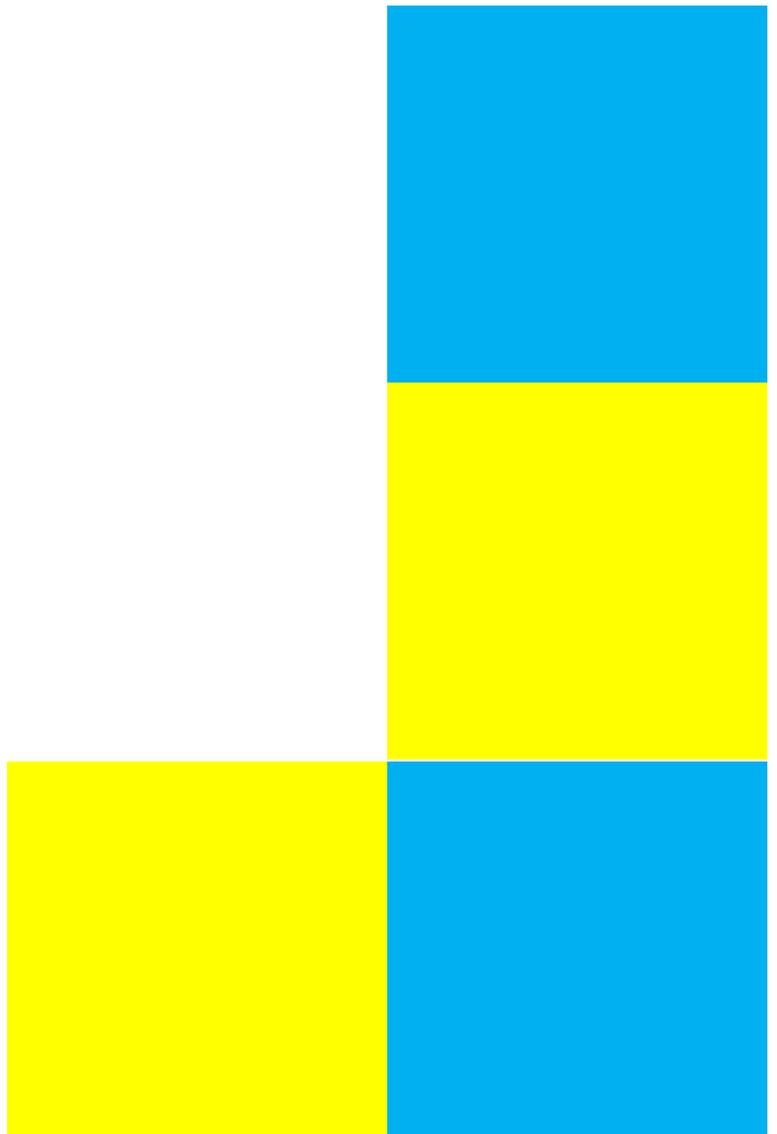


Althusser e as duas etapas do pensamento de Marx: o conceito de “sobredeterminação”

Luiz Fernando Fontoura Lira

Mestrando em Teoria e Filosofia do Direito na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2018)



Resumo: Existem diversos debates no interior do marxismo, mas poucos foram capazes de gerar tantas polêmicas como as que sucederam após a publicação das obras *Por Marx e Ler O capital* de Louis Althusser (1918-1990). E aqui me refiro, especificamente, ao debate que envolve a tese da divisão do pensamento de Marx em duas etapas: a da juventude, fortemente influenciado por Hegel e Feuerbach; e a da maturidade, em que há uma ruptura de Marx com a influência desses dois filósofos. Neste artigo veremos alguns dos argumentos apresentados por Althusser sobre essa questão, dando ênfase ao conceito que melhor reflete o “corte epistemológico” que propiciou a divisão do pensamento de Marx em duas etapas, qual seja: o conceito de “sobredeterminação”.

Palavras-Chave: Althusser. Marx. Hegel. Dialética. Contradição. Sobredeterminação.

Althusser and the two stages of thought of Marx: The concept of “overdetermination”

Abstract: There are several discussions in Marxism interior, but few have been able to bring as much controversy such as those that followed the publication of the works *For Marx and Reading Capital* by Louis Althusser (1918-1990). And in this work I refer, specifically, to the discussion involving the thesis of the division thought of Marx into two stages: the youth one, strongly influenced by Hegel and Feuerbach; and the maturity, in which there is a rupture of Marx from the influence of these two philosophers. In this article, we will see some of the arguments presented by Althusser on this issue, emphasizing the concept that best reflects the “epistemological cut” that provided the division the thought of Marx into two stages, namely: the concept of “overdetermination”.

Keywords: Althusser. Marx. Hegel. Dialectic. Contradiction. Overdetermination.

Introdução

Podemos dizer, sem dúvida alguma, que as obras *Por Marx* e *Ler O capital*¹, publicadas em 1965, foram as mais impactantes do filósofo franco-argelino Louis Althusser (1918-1990). Nelas encontramos grande parte de seu projeto filosófico, que consistia em conferir um *status* científico ao trabalho desenvolvido por Marx a partir de 1857, mais especificamente, em sua obra de maturidade, *O capital*². Nesses dois textos Althusser utiliza o conceito de “corte epistemológico” para desenvolver a ideia de que o trabalho de Marx sofreu uma mudança repentina, ao passar de um período “pré-científico”, fortemente influenciado pelas filosofias de Hegel e Feuerbach, para uma fase científica. De acordo com Althusser, nessa passagem, Marx não apenas teria abandonado conceitos utilizados em seus textos de juventude, mas também criado outros que o permitiram desenvolver uma reflexão científica sobre as relações sociais existentes no modo de produção capitalista.

Além do conceito de “ruptura epistemológica”, tanto em *Por Marx* quanto em *Ler o capital*, Althusser adota o conceito de “problemática” para indicar que, nas duas etapas divididas pelo “corte epistemológico”, Marx trabalha com uma série distinta de conceitos que confere a unidade de sua “problemática”, ou sua forma específica de enxergar e questionar a realidade. De acordo com Althusser, enquanto que na fase denominada de “pré-científica” as investigações de Marx estariam contaminadas por diferentes tipos de “problemas ideológicas”, em seu estágio científico, poderíamos identificar o surgimento de novos conceitos (exemplos: modos de produção, valor, mais-valia), conduzidos por uma “problemática científica”.

Através do tratamento que Althusser confere a esses dois conceitos (problemática e corte epistemológico), podemos dizer que ele até consegue demonstrar que Marx, a partir de um dado momento, rompe com a Filosofia de Feuerbach; no entanto, em relação à filosofia de Hegel, não fica muito claro que essa mesma ruptura tenha ocorrido, até

¹ *Por Marx (Pour Marx)* é um livro que reúne os artigos publicados por Althusser em revistas; e *Ler O capital (Lire le Capital)* uma obra coletiva que contou com a participação de seus alunos Étienne Balibar, Jacques Rancière, Roger Establet e Pierre Marcherey. (MOTTA, 2014, p. 9).

² Em *Por Marx* Althusser propõe a seguinte divisão das obras de Marx: “Obras da juventude” (1840- 1844); “Obras do corte” (1845); “Obras da maturação” (1845 a 1857) e “Obras da maturidade” (1857-1883). (ALTHUSSER, 2015, p. 25).

mesmo após *O capital*. Não obstante, Althusser não hesita em apontar que entre Hegel e Marx existe uma enorme diferença. Diferença esta que, segundo ele, encontra-se no conceito que representa o núcleo do que se conhece por dialética, qual seja: o conceito de contradição. Althusser afirma que para Hegel a contradição é simples, diferentemente de Marx, que a concebe como “sobredeterminada”. A seguir apresentaremos algumas das ideias de Althusser sobre essa questão. Mas antes faremos uma breve exposição de suas críticas àqueles autores que defendem que a principal diferença entre Hegel e Marx consiste em uma simples “inversão” da dialética do primeiro pelo segundo, o que poderia levar ao entendimento de que não haveria uma verdadeira ruptura entre esses dois autores.

Apenas uma metáfora

Poucas teses de Althusser causaram tanta polêmica quanto a que dizia que Marx havia rompido totalmente com a filosofia de Hegel. Isso porque, quase todos os estudiosos marxistas até então, tomavam como verdade irrefutável que uma das grandes influências de Marx, e do próprio marxismo em geral, teria sido a filosofia de Hegel, em especial sua noção de dialética. Lenin, por exemplo, afirmava que não era possível compreender *O capital* sem antes entender a *Ciência da lógica* de Hegel. (LENIN, 2011, p. 157). Essa era, portanto, uma influência que, até o surgimento da tese de Althusser, não havia sido questionada. Toda polêmica envolvendo essa questão ocorreu porque Althusser não disse simplesmente que Marx havia “superado” Hegel, dado que o termo hegeliano “superação” (*Aufhebung*) supõe algum tipo de continuidade. Quanto a isso Althusser foi bastante radical, e afirmou, de forma categórica, que não existia uma “superação” da teoria Marx em relação à de Hegel, mas sim uma ruptura total.

Para Althusser o termo “superação” acabou confundindo alguns estudiosos do marxismo, que entendiam que Marx havia superado Hegel nos textos que foram escritos entre os anos de 1843 e 1844, a saber: *Crítica à filosofia do Direito de Hegel*; *Manuscritos econômicos-filosóficos de 1844*; e *A Sagrada Família*. Segundo ele, os autores que defendiam a ideia de “superação”, confundiam a crítica de Feuerbach com a crítica de Marx porque não tinham qualquer noção dos conceitos de “ruptura epistemológica” e “problemática”, nem entenderam que a ruptura de Marx com Hegel ocorreu a partir de

1845, mais especificamente a partir de *A ideologia alemã*. Segundo Althusser, se tais fatores fossem considerados, talvez esses autores pudessem concluir que, entre 1843 e 1844, Marx ainda estava imerso em um terreno ideológico, ou na “[...] problemática antropológica da alienação” de Feuerbach (ALTHUSSER, 2015, p. 27); portanto, todas as críticas feitas por Marx durante aquele período seriam críticas feuerbachianas, e não marxistas.

Além de discordar da noção de “superação” (*Aufhebung*), Althusser se mostrou ainda mais relutante com a famosa metáfora da “inversão”. Chamamos de metáfora porque foi o próprio Althusser que assim a denominou, quando de sua crítica à postura de muitos estudiosos marxistas que tomavam a tal “inversão” como um conceito, e não como uma simples imagem ou metáfora³, o que, na sua visão, acabou causando bastante confusão. Althusser reconhece que o próprio Marx deu origem a essa confusão, já que ele nunca explicou a diferença entre a sua dialética e a de Hegel, além de nunca ter esclarecido o que de fato quis dizer no *Posfácio da segunda edição de O capital*, quando afirmou que a dialética de Hegel “[...] se encontra de cabeça para baixo”, e que por isso era “[...] preciso desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico”. (MARX, 2017, p. 91).

Althusser não ficou convencido de que o distanciamento de Marx em relação à dialética de Hegel pudesse ser explicado pela “inversão”, isso porque, em sua concepção, tal “inversão” não refletia o verdadeiro “corte epistemológico” com a filosofia hegeliana, tampouco com revolução teórica propiciada por Marx. De qualquer forma, na concepção althusseriana, a “inversão” de Hegel estaria mais condizente com a filosofia de Feuerbach que, com base em uma “problemática” hegeliana, pôs em termos antropológicos o que Hegel postulou em termos idealistas. (ALTHUSSER, 2015, p. 52-53). Para Althusser seria absurdo pensarmos que uma simples mudança de posição de um mesmo objeto pudesse modificar sua natureza, pois “[...] uma filosofia assim *invertida* não pode ser considerada como *diferente* da filosofia *que se inverteu*, a não ser por uma metáfora teórica.” (ALTHUSSER, 2015, p. 56, grifo do autor). Além disso, Althusser também afirma que se quisermos pensar seriamente em uma verdadeira revolução empreendida por Marx, precisamos ir além da tese que defende que sua dialética é diferente da de Hegel

³ Em *Ler O capital* Althusser diz que esse é “[...] o sentido da famosa ‘inversão’: nessa imagem que é apenas imagem, e que não tem, pois, nem o sentido nem o rigor de um conceito.” (ALTHUSSER, 1980, p. 100).

simplesmente porque é aplicada ao “mundo do real”, e não ao “mundo das ideias”, mas sim enxergarmos que a dialética de Marx é estruturalmente distinta e incomensurável com a de Hegel.

Em *Contradição e sobredeterminação*, um dos textos mais famosos que integra a obra *Por Marx*, Althusser também aponta o equívoco do “conceito de inversão de Hegel”. (ALTHUSSER, 2015, p. 71). Ele inicia seu texto dizendo que a concepção hegeliana sobre a história parte de uma dialética dos “momentos da ideia”, o que não significa outra coisa que explicar a vida material e a história dos povos através da “dialética da consciência”. Enquanto que para Marx, de acordo com os adeptos da “inversão”, é a consciência que é explicada através da vida material. Althusser também menciona isso, mas nos termos da dualidade “sociedade civil” *versus* “Estado”. Segundo o filósofo franco-argelino, Hegel considerava que toda sociedade era constituída por uma sociedade civil (que inclui as atividades econômicas), e por um Estado (que inclui a consciência filosófica e religiosa). E dessa dualidade, é o Estado (vida espiritual) que será a essência da sociedade civil (vida material). Já em Marx essa relação se inverte: o Estado (consciência) é o fenômeno da essência que representa a Sociedade Civil (a economia). (ALTHUSSER, 2015, p. 81-84).

Na visão de Althusser, esses esquemas tão utilizados pelo marxismo ortodoxo, não passam de uma caricatura do pensamento de Marx, pois reduzem as diferenças entre Hegel e Marx à crença de que a dialética do autor de *O capital* não produz os “[...] momentos sucessivos da Ideia, mas os momentos sucessivos da Economia [...]” (ALTHUSSER, 2015, p. 85). De acordo com Althusser, os defensores da ideia de “inversão” nunca levaram em conta que Marx deixou de utilizar os dois termos mencionados no parágrafo anterior (sociedade civil e Estado), a partir da *Ideologia alemã*; e o fez em um sentido totalmente distinto ao de Hegel. Segundo as próprias palavras de Althusser: “[...] Marx *não conservou*, “*invertendo-os*”, *os termos do modelo hegeliano da sociedade*. Ele substituiu-os por outros [...]. Ou melhor, ele subverteu *a relação* que reinava, antes dele, entre esses termos. (ALTHUSSER, 2015, p. 85, grifo do autor). Portanto, nesse ponto de vista, a ideia de “inversão” é insustentável.

Outra forma utilizada por Althusser para tentar desfazer a crença de que bastaria reverter a dialética de Hegel para se chegar na dialética de Marx, foi através de seu esquema sobre as três generalidades. Por um lado, tal esquema consegue demonstrar como, em uma perspectiva althusseriana, funciona o processo de produção de qualquer

conhecimento científico; por outro, ajuda a estabelecer as bases para a distinção de uma prática científica teórica de uma prática ideológica. De uma forma resumida, podemos dizer que Althusser considera que todo processo de uma prática científica teórica consta de uma “Generalidade I” (G-I), que seriam os conceitos ideológicos (a matéria-prima) que a prática teórica científica conta previamente; de uma “Generalidade II” (G-II), que seria o método ou a teoria (os meios de produção) que serão utilizados para transformar os conceitos ideológicos; e de uma “Generalidade III” (G-III), que seria o “concreto-de-pensamento” (produto), ou o conhecimento resultante da transformação dos conceitos iniciais. (ALTHUSSER, 2015, p. 149-151). Essas três generalidades também são enunciadas por Althusser como: generalidade abstrata ou trabalhada (G-I), generalidade que trabalha (G-II) e generalidade específica (G-III). Segundo Althusser, tais generalidades operam precisamente na prática teoria científica de Marx, ao contrário de Hegel, que “[...] desconhece as diferenças e as transformações qualitativas reais, as descontinuidades essenciais que constituem o processo mesmo da prática teórica.” (ALTHUSSER, 2015, p. 153).

Nesse ponto da análise, Althusser também critica aqueles que pensam que Marx simplesmente “inverteu” a maneira de produzir conhecimentos científicos. De acordo com o autor de *Ler o capital*, houve um tempo em que Marx (*A Sagrada Família*), impregnado pelo materialismo mecanicista de Feuerbach, poderia ter “invertido a dialética de Hegel”, já que enquanto este acreditava que a abstração, ou o conceito de fruta, produzia “[...] a pera, a uva e a mirabela [...]” (ALTHUSSER, 2015, p. 153), Marx, tal como Feuerbach, supunha o contrário, isto é: que são as frutas reais e concretas que produzem o conceito de “fruta”.

Porém, de acordo com Althusser, essa “inversão” do idealismo ao materialismo mecanicista foi apenas um momento na trajetória teórica de Marx, pois ele ainda teria que passar por uma total transformação em sua maneira de praticar a teoria, onde reconhece, primeiramente, a “Generalidade II”, que para ele é o momento da prática; onde, posteriormente, distingue o “concreto-real” do “concreto-de-pensamento”; e onde, por último, não parte, como faz Feuerbach ou as filosofias empiristas, do “concreto-real”, mas sim do abstrato. Quanto ao terceiro ponto, Althusser vai afirmar que as ideologias possuem a crença de que o conhecimento parte do concreto, e que “[...] um conceito científico é produzido exatamente como o conceito geral de fruto ‘seria’ produzido por

uma abstração operando sobre frutos concretos” (ALTHUSSER, 2015, p. 154), o que para ele é falso, já que o concreto, com todas as suas determinações, é estabelecido a partir de algo abstrato. Para sustentar essa tese, Althusser tem em mente um texto de Marx em que ele alega que os economistas clássicos acreditavam, equivocadamente, que partiam de algo concreto quando começavam suas análises pela “população”, quando na realidade a “população” também é uma abstração quando não se leva em conta uma determinação como a das classes sociais, que, “[...] por sua vez, são uma palavra vazia se desconheço os elementos nos quais se baseiam.” (MARX, 2011, p. 54). Por esse motivo Marx afirma que: “o concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto unidade da diversidade.” (MARX, 2011, p. 77).

Apesar de tudo que apresentamos até aqui, não podemos dizer que esses são os únicos e mais importantes argumentos de Althusser para demonstrar a existência de uma ruptura de Marx com Hegel. Para isso, ainda precisamos expor a diferença que o filósofo franco-argelino julga ser a mais profunda entre esses dois autores, qual seja: a noção de “contradição sobredeterminada”.

Althusser e a noção de “contradição sobredeterminada”

Nos anos sessenta Althusser gerou muita polêmica quando, enfrentando a contradição hegeliana, tentou demonstrar que a dialética adotada por Marx em *O capital* era muito diferente da dialética de Hegel. Segundo ele, a contradição hegeliana é simples, enquanto que a contradição em Marx é “sobredeterminada”. Nesta parte final do artigo, portanto, tentaremos esclarecer como o conceito de “sobredeterminação”, que acompanha a contradição, além de servir de ferramenta para Althusser demonstrar que quando Hegel e Marx falam de dialética estão pensando em coisas diferentes, ajuda a combater o marxismo de corte economicista que entende que a totalidade das relações sociais é determinada pela economia.

Althusser extrai o conceito de “sobredeterminação” da teoria psicanalítica⁴ porque, segundo ele, tal conceito ajuda demonstrar, fazendo um paralelo entre a análise

⁴ Para uma melhor compreensão da relação de Althusser com a psicanálise ver *Althusser e a psicanálise*, da professora Pascale Gillot. Livro recentemente traduzido para o português e publicado pela editora Ideia & Letras.

da teoria inconsciente e social, que algum fato ou evento, dentro de uma formação social, pode ser condicionado simultaneamente por vários fatores. Abaixo colocamos uma definição encontrada na obra *Vocabulário da psicanálise*, de Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis, que pode nos ajudar a entender o que Althusser tinha em mente quando pensou no conceito de “sobredeterminação”:

O fato de uma formação do inconsciente – sintoma, sonho, etc. – remeter para uma pluralidade de fatores determinantes. Isto pode ser tomado em dois sentidos bastante diferentes: a) A formação considerada é resultante de diversas causas, já que uma só não basta para explicá-la; b) A formação remete para elementos inconscientes múltiplos, que podem organizar-se em seqüências significativas diferentes, cada uma das quais, a um certo nível de interpretação, possui a sua coerência própria. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 487-488).

Certamente a explicação dada por Althusser ao conceito de “sobredeterminação” não é tão simples como a que mencionamos na citação acima. E essa explicação aparece em dois dos textos mais complexos e importantes que integram a obra *Por Marx*, quais sejam: *Contradição e Sobredeterminação* e *Sobre a dialética materialista*. No primeiro texto, Althusser relaciona o conceito em questão à tese de Lenin do “elo mais fraco” que diz que: “Uma corrente vale o que vale seu elo mais fraco” (ALTHUSSER, 2015, p. 74). De acordo com a interpretação de Althusser, a ideia de Lenin possui um sentido eminentemente teórico-prático, pois, segundo ele, quando se está na defensiva, “tentando controlar uma dada situação”, o que se tenta proteger são os pontos fracos de um sistema; e quando se está no ataque, “[...] ainda que as aparências da potência estejam contra ele, basta-lhe descobrir a única fraqueza, a qual torna precária toda essa força”. (ALTHUSSER, 2015, p. 74). Além disso, Althusser também entende que a tese do “elo mais fraco” inspirou Lenin quando, em sua reflexão sobre o a Revolução Russa, o revolucionário bolchevique fez as seguintes indagações: “Por que a revolução foi *possível* na Rússia, por que foi *vitoriosa*?” (ALTHUSSER, 2015, p. 74, grifo do autor). Esses questionamentos são pertinentes, uma vez que, para o marxismo dogmático ou dialético-hegeliano: o modo de produção socialista emergiria, “necessariamente”, das entranhas do modo de produção capitalista, que não era o caso de uma Rússia semi-feudal, que estava muito longe das condições materiais dos países capitalistas mais avançados da Europa. Então, na concepção de Althusser, essas duas perguntas só poderiam ser respondidas se considerarmos que, dentro de uma cadeia de Estados imperialistas, a Rússia fosse o “elo

mais fraco”, e sua fraqueza se devia ao atraso econômico, bem como “*a acumulação e a exasperação de todas as contradições históricas então possíveis num único Estado.*” (ALTHUSSER, 2015, p. 75, grifo do autor).

Para Althusser, a experiência russa deve nos forçar a abandonar a tese marxista que defende que em toda formação social existe apenas uma contradição principal capaz de determinar seu presente, seu passado e seu futuro, isto é, a contradição entre Capital e Trabalho. Althusser está se referindo, obviamente, ao marxismo hegeliano, ortodoxo, mecanicista e dogmático, que não consideraram que Marx jamais abriu espaço em seu trabalho para a crença de que a queda do capitalismo viria de uma contradição simples. Althusser afirma que tanto para Marx quanto para Lenin a revolução está “na ordem do dia” se existe uma contradição geral (por exemplo, a contradição entre Capital e Trabalho), porém, tal contradição está muito longe de “[...] provocar uma ‘situação revolucionária’ e, com mais razão, uma situação de ruptura revolucionária e o triunfo da revolução”. (ALTHUSSER, 2015, p. 77). Para que esse triunfo de fato ocorra é preciso que uma contradição geral ou principal se misture com outras contradições, ou seja: “[...] é preciso tal acumulação de ‘circunstâncias’ e de ‘correntes’ que, seja qual for a origem e seu sentido, [...] elas ‘fundem-se’ numa *unidade de ruptura.*” (ALTHUSSER, 2015, p. 77-78, grifo do autor).

Althusser faz dois importantes comentários sobre isso. Primeiro, diz que com sua tese não está subestimando o papel principal que desempenha, dentro de uma unidade de ruptura, a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, já que tal contradição é a que domina e atua em qualquer contradição possível, inclusive durante e na “fusão”⁵. Segundo, diz que o domínio da contradição principal (sobre as contradições secundárias) não implica que as outras contradições percam sua consistência e eficácia própria como resultado da referida “fusão”, nem que seja seu epifenômeno, pois, assim como a contradição principal (nível, instância, prática ou estrutura) determina as outras contradições (níveis, instâncias ou estruturas), estas, ao mesmo tempo, determinam àquelas. (ALTHUSSER, 2015, p. 78-79). É por isso, portanto, que Althusser entende que a contradição principal em Marx é “sobredeterminada”.

⁵ A “fusão” ou “condensação”, juntamente com a categoria de “deslocamento”, integram o conceito de “sobredeterminação”. De acordo com Gillot, Freud utiliza os conceitos de “fusão” e “deslocamento” [...] para qualificar os mecanismos inerentes à transformação dos pensamentos do sonho em conteúdo manifesto, em relação com uma teoria geral da *sobredeterminação* das formações do inconsciente, que é também [...] uma teoria da determinação *múltipla* e não unívoca. (GILLOT, 2018, p. 53, grifo do autor).

Diferentemente da contradição “sobredeterminada” em Marx, segundo Althusser, a contradição em Hegel é simples, embora, à primeira vista, ela apareça com certo grau de complexidade na obra *Fenomenologia do Espírito*. A contradição simples hegeliana, conformada entre a “consciência sensível” e seu “conhecimento”, vai adquirindo, através de seu desenvolvimento dialético, uma crescente autoconsciência e “complexidade”; só que “[...] essa complexidade não é a complexidade de uma *sobredeterminação efetiva*, mas a complexidade de uma *interiorização* cumulativa que tem apenas as aparências da sobredeterminação” (ALTHUSSER, 2015, p. 79, grifo do autor). Isso quer dizer que Hegel indica que “[...] toda consciência tem *um passado* suprimido-conservado (*aufgehoben*) em seu próprio presente, e um mundo [...] e, portanto, que ela tem também como passado os mundos de suas essências superadas” (ALTHUSSER, 2015, p. 79). De forma resumida: a contradição originária, simples e central (consciência sensível e seu conhecimento), determina e não é determinada por algo externo a ele:

[...] porque o passado nunca é mais do que a essência interior (em-si) do futuro que ele encerra, que essa presença do passado é a presença ante si da própria consciência, e *não uma verdadeira determinação exterior a ela*. “*Círculo de círculos, a consciência tem apenas um centro, o único determiná-la: precisaria de círculos tendo outro centro que não ela, círculos descentrados, para que ela fosse afetada em seu centro pela eficácia deles, em suma, que sua essência fosse sobredeterminada por eles. Mas não é o caso.*” (ALTHUSSER, 2015, p. 80, grifo do autor).

Entendemos melhor a não “sobredeterminação” da contradição hegeliana quando Althusser faz menção à *Filosofia da História* de Hegel, mais especificamente o exemplo da Roma antiga. Althusser sustenta que para Hegel, Roma, assim como toda a sociedade, reuniu uma contradição principal e diferentes determinações concretas: costumes, religiões, educação, um sistema jurídico, econômico e político, etc. Mas essa complexidade é apenas aparente, pois não implica que sua principal contradição fosse “sobredeterminada”. Para Hegel, todas aquelas determinações eram fenômenos de sua verdade, a saber: a contradição ou “princípio interno simples”, que conjugou a totalidade dos princípios internos de sociedades anteriores, já superadas-conservadas, e que será o mesmo que causa o colapso de Roma e o nascimento de uma formação social distinta. (ALTHUSSER, 2015, p. 80-81).

Em *Sobre a dialética materialista*, texto que também integra a obra *Por Marx*, Althusser complementa o conceito de “sobredeterminação” com outras categorias

importantes que ajudam a compreender melhor as diferenças entre Hegel e Marx. Para isso Althusser utiliza de forma explícita a famosa obra de Mao Tsé-tung, *Sobre a prática e a contradição*, onde o comunista chinês explica que no processo de desenvolvimento de uma coisa complexa existem várias contradições, “[...] e uma delas é, necessariamente, a contradição principal, cuja existência e cujo desenvolvimento determinam ou influenciam a existência e desenvolvimento das demais contradições” (TSE-TUNG, 2008, p. 108). É a partir desta reflexão de Mao que Althusser percebe três pontos que, segundo ele, constituem a especificidade da dialética Marxista. São eles: “(1) a distinção entre a contradição principal e as contradições secundárias; (2) a distinção entre o *aspecto principal* e o aspecto secundário da contradição; Por fim, [...] (3) o *desenvolvimento desigual* da contradição.” (ALTHUSSER, 2015, p. 157, grifo do autor).

Dos três pontos acima citados, Althusser utilizará os dois primeiros para estabelecer a diferença entre o “todo complexo estruturado” de Marx e a “totalidade social” de Hegel; e o último para definir o que é uma “estrutura com dominante”. Em relação ao “todo complexo estruturado”, num primeiro momento pode se depreender, observando o esquema extraído da contradição descrita por Mao, que sua totalidade é complexa porque se presume a existência de várias contradições internas, dentre as quais uma será a principal e as outras serão secundárias. Além disso, cada contradição possui o aspecto principal que nela se reflete a “complexidade do processo”. E qual seria essa complexidade? “[...] a existência nele de uma pluralidade de contradições das quais uma é dominante; é essa complexidade que é preciso considerar”. (ALTHUSSER, 2015, p. 157).

Isso está ligado à categoria de “estrutura dominante”, que, de acordo com Althusser, em Mao seria “[...] a lei do desenvolvimento desigual das contradições”. (ALTHUSSER, 2015, p. 162). Para Althusser, o “todo complexo estruturado” de Marx, além de ser composto por várias contradições (econômicas, políticas ou ideológicas), também sempre conterá uma contradição (estrutura, instância ou prática) que domina as outras contradições. De fato, se o “todo” defendido por Marx não for complexo, nem tiver estruturado, não seria possível a determinação recíproca, nem o domínio de uma contradição sobre as outras. Por isso, nas palavras de Althusser: “[...] é preciso voltar às diferenças essenciais da contradição marxista, que distinguem em todo processo complexo uma contradição principal e, em toda a contradição, um aspecto principal.” (ALTHUSSER, 2015, p. 162).

Essa última afirmação que mencionamos levou Althusser a esclarecer que não se deve confundir o “todo complexo estruturado” com uma dispersão de contradições, o que inclui a contradição dominante, onde nenhuma das diferentes contradições estabelece relações entre si. O marxismo, diz ele, não sacrifica “[...] a unidade no altar do ‘pluralismo’[...]”; o que o marxismo fala é de uma “[...] *unidade da própria complexidade*, que o modo de organização e de articulação da complexidade constitui precisamente sua unidade.” (ALTHUSSER, 2015, p. 163, grifo do autor). A unidade, ou melhor, o tipo de unidade que deveria ter uma totalidade social, é uma característica adicional que faz a diferença entre a dialética de Hegel e a de Marx. Enquanto em Hegel a totalidade possui uma unidade simples, em Marx, como acabamos de ver, ela possui uma “unidade complexa estruturada”. Para Althusser, as únicas coisas que as concepções de totalidade de Hegel e Marx têm em comum são: “(1) uma palavra; (2) certa concepção vaga da unidade das coisas; (3) inimigos teóricos”. (ALTHUSSER, 2015, p. 163). Diante dessas pequenas coincidências entre Hegel e Marx, Althusser também sugere três diferenças fundamentais:

“[...] a totalidade hegeliana: (1) não é realmente mas aparentemente articulada em “esferas”; (2) que ela não tem por unidade sua complexidade mesma, ou seja, a estrutura dessa complexidade; (3) que ela é então desprovida dessa estrutura com dominante, que é a condição absoluta que permite a uma complexidade real ser unidade, e ser realmente o objeto de uma *prática*, propondo-se transformar essa estrutura: prática política.” (ALTHUSSER, 2015, p. 164, grifo do autor).

De maneira bastante semelhante como no texto de *Contradição e sobredeterminação*, Althusser faz novamente alguns esclarecimentos. O “todo complexo estruturado com dominante” de Althusser é composto por contradições principais e secundárias que interagem e se determinam mutuamente. Se a isso não se agrega a categoria de “sobredeterminação” que supõe a determinação de contradições secundárias por parte de uma contradição principal, e vice-versa, e se empreende uma determinação unilateral, não reflexiva, da principal sobre as secundárias, poderíamos dizer que se estaria recaído em um economicismo. Isso porque, assim procedendo, afirmaremos que a estrutura econômica (ou principal contradição) é a essência das superestruturas ideológicas (ou contradições secundárias), que são os fenômenos, e, portanto, que a primeira subsiste por si só, sem a necessidade da segunda. Althusser diz que:

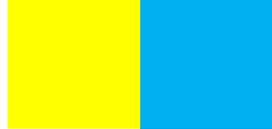
Isso decorre do próprio princípio, enunciado por Marx: que em nenhum lugar existe uma produção sem sociedade, ou seja, sem relações sociais; que a unidade, além da qual é impossível remontar, é a de um todo no qual, se as relações de produção têm efetivamente por condição de existência a própria produção, a produção tem ela mesma por condição de existência sua forma: as relações de produção. Que não haja engano aqui: esse condicionamento da existência das “contradições” umas pelas outras não anula a estrutura com dominante que reina sobre as contradições e nelas (no caso, *a determinação em última instância pela economia*). (ALTHUSSER, 2015, p. 165, grifo nosso).

Para Althusser, outra maneira de se combater o economicismo passa pela explicação da tão mal compreendida “determinação em última instância pela economia”, mencionada no final da passagem acima citada. O esclarecimento desse trecho é importante, pois, como veremos, essa é uma fórmula que já foi mencionada por Marx e Engels, e que o próprio Althusser se utiliza para construir seu conceito de “sobredeterminação”. A determinação em última instância não quer dizer que a estrutura econômica seja a única determinante em qualquer formação social, ou que seja a que determine totalmente sem ser determinada pela superestrutura ideológica. Althusser diz que essa é uma tese economicista que deve ser rejeitada, pois não representa o tipo de causalidade estrutural defendida por Marx e Engels, onde as estruturas se determinam mutuamente, deixando intactas, “por um lado, *a determinação em última instância pelo modo de produção (econômico)*; por outro, *a autonomia relativa das superestruturas e sua eficácia específica*”. (ALTHUSSER, 2015, p. 87, grifo do autor). Para comprovar isso, Althusser menciona a famosa carta para Joseph Bloch, em que Engels faz a seguinte observação:

De acordo com a concepção materialista da história, o elemento determinante final na história é a produção e reprodução da vida real. Mais do que isso, nem eu e nem Marx jamais afirmamos. Assim, se alguém distorce isto afirmando que o fator econômico é o único determinante, ele transforma esta proposição em algo abstrato, sem sentido e em uma frase vazia. As condições econômicas são a infra-estrutura, (sic.) a base, mas vários outros vetores da superestrutura [...] também exercitam sua influência no curso das lutas históricas e, em muitos casos, preponderam na determinação de sua forma. Há uma interação entre todos estes vetores entre os quais há um sem número de acidentes [...] mas que o movimento econômico se assenta finalmente como necessário. (ENGELS, 1890, n.p).

Enfim, em uma perspectiva althusseriana, as concepções de Marx em relação à contradição, à totalidade social e ao movimento da história, diferentemente de Hegel e dos marxistas economicistas, não obedecem a um princípio simples capaz de reger o

presente e o futuro. Na visão de Althusser, ambos, erroneamente, acreditam que a contradição principal (estrutura econômica ou a contradição Capital-Trabalho), dentro de uma formação social, por si só, é capaz de moldar as outras contradições (superestruturas ideológicas ou contradições secundárias) e conduzir a uma mudança revolucionária.



Referências

ALTHUSSER, Louis. O Objeto de *O capital*. In: ALTHUSSER, Louis et al. **Ler O Capital**. v. 2, São Paulo: Zahar, 1980, p. 7-152.

ALTHUSSER, Louis. **Por Marx**. Campinas, SP: Unicamp, 2015.

ENGELS, Friedrich. Carta para Joseph Bloch, 21-22 de setembro de 1890. 1890. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1890/09/22.htm#tr1>. Acesso em 23 ago. 2020.

GILLOT, Pascale. **Althusser e a psicanálise**. São Paulo: Ideias & Letras, 2018.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LENIN, Vladimir I. **Cadernos sobre a dialética de Hegel**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

MARX, Karl. O método da economia política (Introdução). In: MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 54-95.

MARX, Karl. Posfácio da segunda edição. In: MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 83-91.

MOTTA, Luiz Eduardo. **A favor de Althusser: revolução e ruptura na Teoria Marxista**. Rio de Janeiro: Grama: FAPERJ, 2014.

TSÉ-TUNG, M. **Sobre a prática e a contradição**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.